

Michel Henry, leitor de Schopenhauer

Michel Henry, reader of Schopenhauer

Symon Sales Souto¹

Resumo: Michel Henry e, em geral, os fenomenólogos contemporâneos franceses erigem sua filosofia a partir de uma determinada crítica à fenomenologia em sua originalidade, no entanto, cada qual a partir de seu próprio problema. No caso de Henry, a intencionalidade da vida consciente é, aos seus olhos, incapaz de doar a Vida, entendendo-a enquanto auto-afecção do Absoluto na absolutez de si. Sua filosofia trata, por conseguinte, da elaboração de um método fenomenológico radical capaz de reaproximar-nos daquilo que nos faz ser essa consciência intencional que deseja, seja lá o que estiver à sua espreita. No entanto, conforme nos lembra o filósofo, essa Vida já havia sido reencontrada por Schopenhauer, descrita por ele como vontade e como representação. À vista disto, pretende-se com essa pesquisa compreender em que medida a metafísica imanente de Schopenhauer contribui para a fenomenologia de Michel Henry, bem como, o ponto de divergência de ambos os autores. Para tal, utilizaremos como base *Généalogie de la Psychanalyse* de Michel Henry e *Mundo como Vontade e como Representação* de Schopenhauer. Quais seriam as implicações contidas na Filosofia Schopenhaueriana, alvo de uma consideração fenomenológica por Michel Henry?

Palavras-chave: Michel Henry. Schopenhauer. Vida. Imanência Absoluta. Fenomenalidade.

Abstract: Henry and, in general, contemporary French phenomenologists erect their philosophy from a particular critique of phenomenology in its originality, however, each one from his own problem. In Henry's case, the intentionality of conscious life is, in his eyes, unable to bestow Life, understanding it as a self-affection of the Absolute in the absoluteness of itself. His philosophy, therefore, deals with the elaboration of a radical phenomenological method capable of bringing us closer to what makes us this intentional consciousness that we desire, whatever lies in wait for it. However, as the philosopher reminds us, this Life had already been rediscovered by Schopenhauer, described by him as will and as representation. In view of this, the aim of this research is to understand to what extent Schopenhauer's immanent metaphysics contributes to Michel Henry's phenomenology, as well as the point of divergence of both authors. To this end, we will use Michel Henry's *Généalogie de la Psychanalyse* and *The World as Will and as Representation* of Schopenhauer. What are the implications contained in Schopenhauerian Philosophy, the subject of a phenomenological consideration by Michel Henry?

Keywords: Michel Henry. Schopenhauer. Life. Absolute Immanence. Phenomenality.

¹ Licenciado, Mestre e Doutorando em Filosofia (UFSM). E-mail: symonsalesouto@gmail.com

1. A metafísica imanente de Schopenhauer sob o olhar de Michel Henry

Na *Fenomenologia Material*, Michel Henry parte do pressuposto que o par Vida e vivente constituem o Ser na imanência absoluta de *soi-même*. Nesta medida, a metafísica imanente de Schopenhauer revela-se, ao seus olhos, como um dos pensamentos mais célebres, justamente por afastar-se da ideia de que tudo o que há se deve a atividade do pensamento, por denunciar a inautenticidade da própria razão em querer assumir o primado da fenomenalidade do ser na absoluta auto-presentificação de si (2009a, p. 177)².

Henry reconhece que Schopenhauer, em *O Mundo como vontade e como representação*, afirma que o ser ainda que seja uma realidade transcendente, é constituído no mundo enquanto co-constitui a esfera da realidade como tal. Dito de outro modo, “o sujeito é posto ao mesmo tempo que o objeto e reciprocamente” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 35). Mas o que isso significa? Entendemos que Schopenhauer nos chama a atenção para a possibilidade da representabilidade graças a fenomenalidade que se desdobra como querer. É justamente essa pura realidade que quer a si mesma, que deseja saciar-se de si, preencher-se a si mesma, que não pode estar no *diantes de si* e, nesse sentido, no *fora de si* que Michel Henry se interessa em suas leituras à Schopenhauer. Retomando a questão, Henry insiste que segundo Schopenhauer:

O índice da realidade é só na medida em que designa, no seio da representação e por efeito de sua colocação em questão, aquilo que, por princípio, se lhe furta e se lhe escapa [...]. Mas, de que modo pode ser indicado, na representação e por ela, aquilo que se lhe escapa? [...]. Mas porque algo que aparece na aparência teria de ser diferente desta? Porque a realidade não se cobriria com o conteúdo da aparência e não se definiria por ele? (HENRY, 2009a, pp. 171-172, grifo nosso).

Tantas questões que nos pareciam, até então, impensáveis, pois seus princípios mais remotos escapam o olhar intencional, tornou-se questões latentes da *Fenomenologia Material*. Sobre essa pura realidade enquanto fenomenalidade de que falamos e que Schopenhauer a chama de Vontade³, Michel Henry a compreende como uma só força que permite ao Ser a ação necessária para o desdobramento e cumprimento de sua efetividade, logo, “longe de poder precedê-lo, de suscitá-lo ou de negá-lo, a vontade se identifica com o ser, é imanente a ele e

² Falando de Schopenhauer, Michel Henry diz: “Contudo, é sua filosofia que primeiro lhe confere sua profundidade insólita e o poder estranho pelo qual nos fascina ainda hoje” (HENRY, 2009a, p. 176).

³ “Não nos deteremos aqui nas especificidades dessa vontade em si em detrimento de seu uso corrente na filosofia clássica, a saber, o fato simples de querer ou não querer. Partimos do pressuposto que a vontade schopenhaueriana não precisa do entendimento para nada, longe de pedir a lei de sua ação e de se modelar sobre ele, ela traz esta lei em si, ela não se mantém diante da sua ação como diante de um possível, mas ela é essa ação e está decidida desde já a cumpri-la, ela se unifica com ela em seu conteúdo” (HENRY, 2009a, p. 172).

constitui propriamente sua essência” (HENRY, 2009a, p. 173). É justamente esse querer-viver inconsciente enquanto própria potência da vida que se tornou o objeto de sua fenomenologia. Sua preocupação consistiu em responder como esse querer-viver, essa vontade da Vida enquanto desejo pulsante, passa ao ato, ou seja, compreender de que modo se dá o cumprimento efetivo desse querer-viver na materialidade fenomênica de sua auto manifestação.

O ganho da metafísica imanente de Schopenhauer, continua Henry, consiste na retirada desse movimento real da vida e de realocá-lo em seu recomeço indefinido no querer-viver. Esse poder pulsante mediante o qual o sujeito é impelido a querer incansavelmente e, por querer, intenciona o horizonte *ek-stático* não é, com Schopenhauer, constituído na e pela representação, haja vista que, se assim o fosse, então não seria possível lhe conferir o caráter de absoluto, pois “o que se leva em consideração é a representação – e não as modalidades do representar nela, sua necessidade ou contingência” (HENRY, 2009a, p. 171). No entanto, apesar da genialidade de Schopenhauer em haver nos indicado essa pura realidade fenomênica no devir efetivo de sua auto manifestação, a compreensão do modo de doação deste absoluto na materialidade de sua auto manifestação permanecera enquanto questão latente, impelindo Michel Henry a radicalizar ainda mais o que havia subsistido enquanto resquício fenomenológico:

Que significa, com efeito, o querer-viver? O que quer o querer-viver? Porque essa relação consigo da vida se exprime sob a forma de um querer? Não o fato de que uma vontade pura, primeira em si, empreenda a tarefa de passar ao ato de algum modo, quer dizer, de se realizar a si mesma, de querer – de querer o quê? A vida? A vida como uma realidade exterior a ela e, então, diferente dela? E por que, ao partir de si e de sua própria essência, quereria à vontade uma coisa completamente distinta, a saber, essa vida alheia com suas propriedades complexas, propriedade que, em vão, buscaríamos compreender ou explicar a partir da pura vontade? (HENRY, 2009a, pp. 150-170).

Em busca de respostas, Henry se debruça sobre uma *phenomenologie de la vie* que não deixa de ser uma *fenomenologia material*, pois seu objeto anelado trata-se da Vida na materialidade ontológica de sua auto doação, isto é, da doação que “justamente, não cessa de se alcançar no ser enquanto reiteração indefinida; aquilo que atinge em cada caso, aquilo que não deixa de pôr como ela mesma, como seu próprio ser” (HENRY, 2009a, p. 172).

A vista do que dissemos notam-se, ao menos, duas afirmações nodais tomadas de Schopenhauer na *Fenomenologia Material* de Michel Henry. A primeira delas, consiste nessa afirmação radical de uma realidade em si, alheia ao mundo e a representação. Já a segunda afirmação refere-se à necessidade e atualidade de fenomenalização efetiva desta realidade em si no horizonte finito de visibilidade que é o mundo. A grande questão, porém, residiu em compreender de que modo uma realidade além da representação poder-se-ia desvelar-se

fenômeno de modo a salvaguardar, por conseguinte, a absolutez de sua fenomenalidade, pois *vontade e representação se enfrentam como a realidade e a irrealidade*. Sobre a questão, Michel Henry diz que:

A irrealidade da representação lhe está vinculada por princípio. O que é em si irreal não é o representado. Muito pelo contrário, o que segundo Schopenhauer constitui a essência do mundo representado é à vontade, quer dizer, a realidade mesma que é, além disso, a única realidade, posto que fora da vontade não há nada. Daí o que vai ser representado se tornará irreal, na medida em que entra na representação e se mantém nela – na medida em que a representação não pode exibir em si a realidade, na medida em que a realidade não é suscetível de aparecer diante de si, de se dar a título de *ob-jeto* (HENRY, 2009a, p. 175).

Pensando nisso, a leitura que faz o filósofo de Montpellier a metafísica imanente de Schopenhauer consiste, em um primeiro momento, dissociar a Vontade enquanto princípio de sua própria realização, do realizado por ela, ou seja, Henry busca nessa vontade schopenhaueriana, assim como o faz na fenomenologia intencional, uma significação ontológica radical. Para tal, nosso autor entende ser necessário afastar-se do monismo ontológico por ser incapaz de conceber o que há, por um lado, e seu modo de revelação, por outro.

Relendo a Heidegger, em especial, o §7 de *Ser e Tempo* sobre a divisão conceitual existente entre *phaenomenon* e *phaenesthai*⁴, Michel Henry absorve essa divisão eidética para afirmar em sua filosofia que o termo Vida, ou seja, esse querer-viver absoluto que se põe como desejo não diz respeito a uma vida doada na e pela representação de si. Seu objetivo consiste, claramente, em deslocar o absoluto de sua definição ôntica para uma determinação ontológica radical (cf. HENRY, 2009a, p. 205). Para tal, lhe fora preciso dedicar-se a uma elucidação fenomenológica desse *conteúdo material da própria fenomenalidade* na doação absoluta de *soi-même* em detrimento do doado por ela na representação de si.

⁴ “É mérito de Heidegger ter restituído ao conceito filosófico de verdade uma significação fenomenológica explícita. Da verdade, sempre mais ou menos confundida com a coisa verdadeira, ele distingue, precisamente, o que permite, justamente, a essa coisa ser verdadeira, isto é, de se nos mostrar como fenômeno: o puro acto de aparecer, o que ele chama de ‘o fenômeno originário da verdade’ [Das ursprünglichste Phänomen der Wahrheit]” (WONDRACEK, 2008, p. 253). De igual modo, observa a autora que “para Henry, é preciso considerar fenomenologicamente que há uma duplicidade do aparecer: 1. Por um lado, o movimento para fora, como o ver, ouvir e sentir; 2. Por outro lado, o movimento para dentro, investigando o poder que constitui o ver (ver-se vendo, ouvir-se ouvindo, sentir-se sentindo). *O que está em causa é a compreensão do homem como um ser no mundo ou um ser na vida; da mesma forma qualquer uma das suas atividades*” (Idem, op. cit., grifos da autora).

2. Da metafísica imanente de Schopenhauer a *onto-fenomenologia* do absoluto em Henry

A tese advinda de Schopenhauer e tomada por Michel Henry, consiste em afirmar que o próprio querer viver, ainda que na constante auto-afecção de si, efetiva-se na própria realidade constituindo-se nesse auto movimento. Nos dizeres do filósofo, “a vontade não precisa do entendimento para nada [...], mas ela é essa própria ação e está decidida desde já a cumpri-la, ela se unifica com ela e com seu conteúdo” (HENRY, 2009a, p. 172, grifo nosso). Mas o que isso significa?

Segundo Henry, aquilo que o querer-viver deseja é a Vida e o que essa Vontade da Vida quer, é a realização de si mesmo. Assim sendo, “caso se tome como ponto de partida a vida, então nos encontramos de imediato na realidade, o movimento com o qual nos ocupamos é um movimento real, o da vida justamente e o de seu recomeço indefinido” (HENRY, 2009a, p. 174). Conforme viemos pontuando, é sobre esse movimento real, isto é, sobre a matéria fenomenológica dessa Vontade em si, em seu auto movimento enquanto força tendente de sua própria manifestação, que a *Fenomenologia Material* visa dilucidar. Sobre essa realidade material em um eterno recomeço indefinido, diz Henry:

É apenas a realidade sob certa condição, sob a condição de um modo de revelação que a revela em si mesma, em sua realidade precisamente, de tal maneira que esse modo de revelação da vontade em sua realidade e, mais ainda, como constitutivo da realidade e idêntico a ela em geral, é o que pode, unicamente, no que diz respeito à vontade, revelá-la em si mesma tal como ela é. Vontade, em primeiro lugar, tem esta significação ontológica radical de circunscrever um modo de revelação no qual a realidade é suscetível de ser revelada em si mesma, quer dizer, pelo qual, de fato, ela está constituída. É o aparecer *sui generis* da vontade que faz dela e pode unicamente fazer dela a realidade (HENRY, 2009a, p. 175).

É justamente essa delimitação da Vontade mediante uma significação ontológica radical que nos interessa, pois representa a chave de leitura para a *Fenomenologia Material* de Michel Henry. Sua preocupação consiste em pormenorizar esse duplo movimento de realização da Vida que, por um lado, desdobra-se em si mesma enquanto aparecer originário – *a coisa em si*. Por outro lado, manifesta-se de modo essencial no corpo próprio enquanto querer. É justamente o entendimento desse duplo movimento inscrito na unidade patética de um sujeito que viabiliza a Michel Henry descrever o Absoluto na absolutez de sua auto afecção, haja vista que, “porquanto se manifesta ao homem como seu corpo próprio, é conhecida imediatamente” (SCHOPENHAUER, 2005, p. 21).

Essa vontade de viver, diz Henry, ainda que seja conhecida de modo imediato, não se trata de um conceito ôntico, mas de um movimento ontológico que a enraíza no mundo sob a

forma de um querer-viver, isto é, uma *ipseidade*. O corpo próprio, por sua vez, representa essa esfera que compartilhará por um lado, o *letoffe invisible* e, por outro lado tudo aquilo que o transcende. A pele, nesta media, representar-se-á o liame desses dois modos de aparecer deste Absoluto que, ainda que se conheça de modo imediato, é um eu fincado no mundo cheio de apetites, desejos e que sofre por eles. E essa compreensão do ser como dualidade inscrita em uma unidade se faz presente, aos cuidados de Henry, deste *O Mundo como Vontade e como Representação*. Lá, enquanto a primeira é desejo cego e imanente, apenas a segunda me é dada como *vontade* e como *representação*.

Diz Schopenhauer que *o mundo é minha representação*, ou seja, dada a vontade inscrita no meu corpo próprio se é possível pela representação saciá-la. Assim, a representação só existe em relação à vontade e a vontade só existe em relação a representação. Do mesmo modo na fenomenologia Material só há Vida na medida em que há o vivente e este, por sua vez, apenas existe porque nele há Vida, de modo que, *entre o querer e o realizar é que se frui toda a vida humana* (SCHOPENHAUER, 2005, p. 404). Mas, como explicar esse movimento interno do Ser como imanência absoluta sem reenviá-lo para aquém do mundo fenomênico?

A partir dessa Vida enquanto puro querer, Michel Henry nos abre um novo campo para se pensar a fenomenalidade do fenômeno em seu devir efetivo dissipada da ruínosa confusão do monismo ontológico. Discorrendo a respeito, García-Baró observa que a *Fenomenologia Material* está alicerçada sob duas determinantes distinções:

A primeira consiste na afirmação da que seguiremos chamando, posto que na filosofia contemporânea essas palavras são moeda corrente, diferença ontológica. Essa diferença proíbe toda confusão entre o ser e o ente, entre o ser e aquilo que, de alguma maneira qualquer é. A segunda tese radical de Henry é a identificação do ser –do Uno da diferença ontológica— com o aparecer do aparecer; o que supõe, claro está, traduzir a Diferença em termos do aparecer e o que aparece (2003, p. 18)⁵.

A leitura fenomenológica da fonte ontológica de toda realidade concebível e a compreensão do *como* de sua aparição fora possível, portanto, ao subordinar toda a ontologia à fenomenologia. Com isso, a duplicidade do aparecer adquire uma radicalidade absoluta e, claro, o que se entendia por ser absoluto toma outro lugar: deixa de ser o *ego* transcendental volitivo e volta-se para a fonte ontológica de todo aparecer possível, incluso da própria *cogitatio*. Mas “como a essência da *cogitatio*, e não a *cogitatio* mesma, nos está dada?” (HENRY, 2009b, p. 129). Isto é, em que consiste esse puro ato de aparecer, essa matéria fenomenológica da

⁵ A partir da diferença ontológica, Henry se distancia de “sinalizar condições de possibilidades lógicas ou subjetivas e caminha em direção ao ser mesmo como última condição” (cf. GARCÍA-BARÓ, 2003, p. 5).

fenomenalidade pura? De que modo ela nos é dada? Sobre as questões, diz Henry que ela é:

Arquirrevelação que, dando-se fora do *Ex-stase*, independente dele, realiza-se ‘antes’ dele. Esta Arquirrevelação enquanto um autoaparecer é, realmente, o mais misterioso, mas também o mais simples e o mais comum: é aquilo que toda a gente conhece - a vida. Arquirrevelação porque é somente fora da intencionalidade, independentemente de todo o horizonte extático da visibilidade que se cumpre a Arquirrevelação constitutiva do autoaparecer do aparecer (HENRY, 2006, p. 13).

Deste modo, entendemos que o ato do *Gegebenheit* na *Fenomenologia Material* não é heterogêneo a seu processo de fenomenalidade e, nesse sentido, aquilo que vê e o visto pelo ver primordial constituem a *ipseidade* radical de cada Si vivente, ou seja, “fenomenalidade não está fora de si senão em si; não é transcendência, mas imanência radical” (HENRY, 2009b, p. 155). Nesse sentido, podemos indicar que a tarefa dessa nova fenomenologia consiste em “dizer com todo rigor em que consiste fenomenologicamente a fenomenalidade de dita fenomenalidade pura” desvendando-nos seu modo de doação, sem que para isso lhe seja preciso passar pelo crivo do pensamento (HENRY, 2009b, p. 168). Ou seja, trata-se de dizer, com rigor, em que consiste o caráter originário da manifestação imediata da fenomenalidade do ser absoluto em sua imanência radical, graças ao devir fenomênico efetivo em sua obra pura de fenomenalização⁶.

Era preciso, portanto, um novo método capaz de pensar a essência da vida como algo idêntico a ela, em detrimento ao movimento da consciência intencional volitiva, uma vez que, “pensada a partir da *ek-stasis* e como *ek-stático*, a vida já não é o que sempre é” (HENRY, 2009, p. 90). Um outro método capaz de descrever esse auto movimento enquanto auto afecção da Vida, cuja prova lhe é dada “sempre presa no abraço patético de sua *Parusia* original e que só é possível nesta imanência primordial que explodiu propriamente” (HENRY, 2009b, p. 85).

A revelação da vida por Schopenhauer, que de si faz prova em suas impressões, sejam elas táteis, odoríferas ou intencionais, instiga Michel Henry a conceber outro modo de fenomenalidade. Conforme diz nosso autor, a vida é porque aparece e seu aparecer de si é sentido em nossa *ipseidade*, ou seja, ela sofre de seu próprio fruir, cujo movimento é sua própria receptividade⁷ e, por esta razão, o *eu* não pode separar-se de si. Essa manifestação originária do ser na absoluta presença de si “enquanto fenomenalização originária aparente à maneira da

⁶ Sobre o devir fenomênico na obra pura da essência, cf. SOUTO, 2019.

⁷ Não se trata da receptividade, tal como formula Heidegger, tema que a presente pesquisa não contempla. A receptividade da vida é o meio ontológico a partir do qual ela sente a si mesma (*s'eprouver de soi-même*), o que Henry chama de passibilidade original. A respeito da leitura henriana de Heidegger, cf. LIPSITZ, 2009, pp. 281-290 e, ainda, LIPSITZ, 2013, pp. 147-156.

fenomenalização imanente e passível na vida carnalmente passível” (KÜHN, 2010, p. 22) tornou-se, portanto, o objeto fenomenológico desta nova *Fenomenologia Material*, cujo método consiste em revelar-nos essa entrega da Realidade no *como material* de sua auto revelação.

Essa revelação na própria carne da vida esconde, por sua vez, um dos maiores mistérios. Uma revelação enquanto atividade ininterrupta da Vida que não se encerra na visibilidade *ek-stática* é uma potência não objetificada pela intenção, logo, sua presença é invisível, sua melodia um silêncio estrondoso, sua manifestação um tremor imanente que atravessa a tudo o que é vivo. É uma violência que, como resultado, dá-nos nascidos nela. Nesta medida, sua doação intencional chega demasiado tarde, uma vez que, para pensá-la, intencioná-la, tomá-la para si, é preciso que o devir efetivo de sua manifestação já se tenha, de algum modo, sido efetuado na obra pura de sua essência mesma, de modo a “ser a própria ação, porquanto ela se sofre originalmente, na sua passividade ontológica em relação a si” (HENRY, 2003, p. 595). Mas o que é, afinal, esse Absoluto capaz de manifestar-se a si mesmo com independência se seu puro ato de ver?

3. Vida enquanto absoluto incondicionado: a passividade ontológica radical

Conforme viemos discutindo, auto afecção⁸ caracteriza o modo pelo qual a vida recebe o próprio conteúdo sem nenhuma mediação. Vimos também que o ser se manifesta de entrada a todo trabalho de elucidação. Só assim pode ser lido enquanto absoluta presença de si, sentido na carne viva de um sujeito patético. Sua estrutura interna, diz Rodríguez:

É descrita na *Essência da Manifestação* como passividade. Na passividade, o ser do *Sou* está ligado ao estado de ânimo do sujeito. Sob a afecção do estado de ânimo se tem a notícia do ser que se revela de primeira mão através da condição afetiva do *Sou*. Henry denomina a relação entre a passividade e a afecção que se desatam no *Sou* “passividade ontológica original”. A realização desta passividade não se dá no plano da projeção ideal, mas na mesma imanência, na qual se mostra a condição subjetiva do *sou* com respeito a sua afecção (2012, p. 124, grifos do autor).

Não somos porque pensamos sobre a vida, porque a representamos mediante o querer-viver, mas simplesmente porque ela se manifesta em nós, cuja manifestação não supõe nenhuma separação de si, ou seja, seu dar-se de si é imanente e, por conseguinte, absoluto. Esse laço fenomênico caracteriza-se o solo originário da manifestação. Dito de outro modo, essa

⁸ Porque o seu dom é a *autodoação* na qual todo o poder se recebe a si mesmo e é por isso investido de si, que o “eu posso” acaba por esquecer este dom mais original da vida (HENRY, 2000, p. 205).

passividade ontológica consiste no sentir originário do absoluto que, desvelando-se fenômeno, sente-se imerso na Vida.

A fenomenalidade do ser em seu constante processo de fenomenalização versa um conhecimento do absoluto, pois o ser aparece como aparecendo de modo irreduzível a si, em sua permanência inquebrantável de si a si mesmo, logo, não há possibilidade de “separar a essência compreendida em sua pureza e o devir fenomênico que ela realiza” (HENRY, 2003, p. 139). Aceito este pressuposto, conforme nos lembra Kühn, nos é “impossível colocar entre parênteses a vida como Fundo desta última, já que toda a aparência — seja ela, objeto, ideia, valor, sentimento ou situação — implica a vida enquanto tal” (2010, pp. 35-36).

A vida fenomeniza-se como autodoação que independe de intuições, correlações, atos, valores. Em sua auto afecção radical nos é possível sentir, ancorados à prova que temos de nós mesmos, como este *ser humano* enquanto consciência que quer isso ou aquilo, que tende a algo desta ou daquela maneira, que age deste ou daquele modo, e assim por diante. Com isso, o sentido de Absoluto na *Fenomenologia Material* que:

Em repetição principal da vida auto afetando-se para sempre na sua intensidade sempre nova ou diferenciada, é o sentimento da vida enquanto nosso ‘ser sentido’ por excelência: saber plenamente que estamos mergulhados de maneira única na vida, o que significa *viver* enquanto *indivíduo* sem fuga ou subterfúgio possíveis (KÜHN, 2010, p. 56, grifos do autor).

Contudo, é preciso observar que a autodoação da vida enquanto doação de *soi-même*, conforme estabelece Michel Henry, “pressupõe sempre, como sua condição, o devir afetivo da manifestação na obra pura da essência, isto é, a *Selbständigkeit* desta” (HENRY, 2003b, p. 138)⁹. No tocante à questão, Henry observa que a fenomenologia, todavia, alicerçada pelo pressuposto monista¹⁰, assume para si princípios que nos doam apenas entes particulares [ainda que pensado como universais] cujo conteúdo [essência] apresenta-se como um conceito abstrato. Conforme dizíamos, a intencionalidade não pode ser o último momento do ser do

⁹ Para um aprofundamento da questão, cf. SOUTO, 2019.

¹⁰ “Conjunto de supostos que sustenta, no pensamento tradicional, a necessidade de apresentar o fenômeno mantendo a ‘distância fenomenológica’, que afirma que o fenômeno se nos apresenta distinto de nós e separado de nós. A partir disso, o Ser será pensado sempre na Exterioridade transcendental, em um *Ek-stasis*, em uma ruptura e separação originária, traço em comum da filosofia clássica e da filosofia moderna da consciência, desde sua origem grega. Monismo é a forma de conhecer que só se estabelece numa relação da interioridade (subjetividade) para com a exterioridade; isto é, a própria interioridade só se compreende nessa relação com o exterior. Por isso a necessidade de representação. *Mesmo na fenomenologia de Husserl e Heidegger o monismo mantém-se mesmo quando a subjetividade se volta para si mesma; pois nesse voltar-se é ainda como olhar (não para o mundo, mas para si-objectivada perante si) que ela se compreende. Ora a atenção aos movimentos da vida nas suas afecções, emoções... perde-se! Atender aos movimentos e à forma como nos enredamos neles que é preciso atender e em especial a psicanálise! (FMt)*” (WONDRACEK, 2008, p. 252, grifos da autora).

*ego*¹¹, haja vista que sua auto evidência é apenas uma passibilidade originária em relação ao ser. Nele somos. Somos nessa Vida sem a qual nada seríamos. Deste modo, saber de si, ainda que seja um saber imediato, depende de um poder ainda mais originário, a saber, a passibilidade de si em relação à Vida. Assim:

Que o ato de aparecer apareça significa que a essência da manifestação se mostre e que, assim, é suscetível de atuar. Que essa manifestação do ato de aparecer seja realizada pelo ato de aparecer mesmo, isso quer dizer que, esse ato é o fundamento de sua própria manifestação em tanto que a essência é o fundamento de sua manifestação, ela é autônoma (HENRY, 2003b, p. 269).

A *ipseidade*, portanto, lida enquanto esse querer deambulante corpóreo, é a subjetividade transcendental nos exercícios de seus poderes que são sentidos na receptividade da afetividade¹², isto é, no *pathos* de sua carne originária¹³. Essa carne, que chamamos de *ipseidade*, leva a vida pelas mãos cujo chão pelo qual pisa não é mais largo que o tamanho de sua própria pisadura. Eis, pois, o que Henry entende por absoluto. Uma vez que a subjetividade só é possível graças à doação da Archi-doação, ela é uma autodoação. Essa autodoação, por sua vez, é aquilo que toda a gente conhece, a saber, a Vida. Sendo a Vida o que se experimenta a si mesmo no viver, graças a uma auto doação e auto revelação¹⁴, logo, cada subjetividade no qual a vida se cumpre, sabe que está na vida sem intermediações ou intenções (cf. ANGULO, 2001, p. 120).

Em suma, a apropriação de si da vida é a prova incessante de uma auto afecção¹⁵ sentida no corpo próprio, logo, é nele – em cada um dos seus poderes – que somos nessa

¹¹ “A instância do Eu que paulatinamente toma posse de si e dos seus poderes, na capacidade que lhe é conferida de, tomando posse de si, se unificar com tudo o que o eu acarreta consigo e que lhe pertence, como poder mover-se, poder tocar, sentir, ouvir, falar, e também os poderes do espírito como formar ideias, imagens, querer, desejar. (Ev, p. 140). *O Ego precisa se despedir de se colocar como horizonte de toda manifestação; voltar-se de considerar pensar=viver para viver como possibilidade de pensar*” (WONDRACEK, 2008, p. 250, grifos da autora). *Ego*, imanência subjetiva, carne, corpo próprio são todos sinônimos com o referido autor.

¹² E simultaneamente o modo da doação da impressão e o seu conteúdo impressional – o transcendental num sentido radical e autônomo. A fenomenalidade em que consiste a experiência de si. “O ser dá-se como afecto” (HENRY, 2012, p. 33).

¹³ “[*chair-Fleisch*] – Desde Merleau-Ponty, esta expressão é usada para *Leib*, visto não haver no francês (nem no português) a diferenciação entre *Leib* e *Körper* (*corps-corpo*). Na análise de Henry da autoafecção absoluta, a carne ganha o *status* ontológico da afecção originária, e por isso também no alemão se emprega *Fleisch* para tal definição, mantendo dessa forma as expressões da fenomenologia do Cristo Verbo e carne (RK, *Ich bin die Wahrheit*, p. 393). *Na fenomenologia, a corporeidade recupera a sua dignidade*” (WONDRACEK, op. cit., p. 249, grifos da autora).

¹⁴ E o modo único de revelação da Vida na qual o que se revela e o que é revelado são uma só e mesma coisa. Esse modo pertence a Vida e constitui a sua essência.

¹⁵ “O que distingue o conceito de afetividade como *ipseidade* de si de Henry dos outros pensadores é a autonomia da presença do afeto, o seu caráter irreflexo. E a partir da autoafecção de si na vida que o afeto se anuncia, e não por uma intencionalidade que lhe afigure um valor ou lhe perceba uma direção, ou lhe atribua uma qualificação e

sensação de solidez que jamais nos abandona. O doado nesta auto doação se apresenta como um *je peux*¹⁶ no exercício de seus poderes e, por esta razão, diríamos que a representação é apenas a *ipseidade* na apropriação de seu poder doado na e pela Vida. Por esta razão, conforme indicou Schopenhauer, o mundo me é dado como *vontade* e como *representação*. Somos um querer pulsante na vida cuja apropriação desse puro querer nos impulsiona ao mundo.

4. Considerações finais

As considerações arroladas neste artigo nos permitem indicar que o sujeito é habitado pela interioridade radical de uma vida afetiva que, em sua prova patética de si, prova também o mundo. De acordo com esta tese, o conceito de Absoluto deixa o *ego* transcendental e direciona-se para uma outra instância que, paradoxalmente, se efetiva nele, lembrando que “a determinação ontológica estrutural e fundamental da essência originária da revelação como imanência e como afetividade [...] é o único que faz possível o desenvolvimento de uma filosofia fenomenológica da experiência vivida, do *ego*, do conhecimento de si, da vida interior” (HENRY, 2003b, p. 862).

O sujeito é habitado pela Vida de modo que, nascer no mundo, por sua vez, é tomar posse desse poder advindo dessa sensibilidade primordial. A realidade da *ipseidade*, assim pensada, é a afetividade da Vida em si, é pura passibilidade, receptividade de si. Ela é exibida a si de modo irreduzível, imediato, indubitável e, com isso, chama-se de imediatez o modo pelo qual ela conhece a si mesma, pois seu conteúdo ontológico [ato manifestante] não é outro que seu conteúdo fenomenológico [manifestado]. O doado nessa imediatez é, portanto, coextensivo ao todo do ser.

Assim, essa Vontade cega de que falava Schopenhauer é, aos cuidados de Henry, habitada por uma interioridade radical de uma vida afetiva que, mediante uma prova patética de si, sente-se vida e nessa vividez, sente-se no mundo. Em termos fenomenológicos, a Vida é o imanente processo pelo qual ela vem a si. É auto afecção de si sentida numa carne patética.

decida responder-lhe ou não. Não há decisão, e na passibilidade do si e na impossibilidade de fugir do afeto que afeta, na total identidade entre ambos” (WONDRACEK, 2010, p. 67).

¹⁶ “O conceito que se origina em Husserl, com o qual substituí o ‘Eu penso’ de Descartes, para afirmar o poder assegurador de si próprio do eu. Em Henry, a expressão recebe o traço de união Eu-posso para se tornar um substantivo: esse Eu que acredita possuir os poderes pela ilusão transcendental do *ego* (vide) - e remetido a uma passibilidade que o precede. *Eu-posso [Ich kann] não é representacional, é concreto. Deriva do Épreuve*” (Ibidem, p. 250, grifos da autora).

Ao que tudo indica, o aparecer da carne é dependente do aparecer da vida e essa, em sua corpo-apropriação aparece no mundo sob a forma de uma imanência radical.

Por fim, se vida e vivente tornam-se polos indissociáveis para compreendermos o devir efetivo da fenomenalidade “no já de sua condição primitiva que é, como tal, como este ‘já’ da manifestação pura efetiva que faz possível todo o comportamento e todo passo anterior, o absoluto [conclui-se que] o ser se manifesta ‘já’ de entrada, com anterioridade, a todo trabalho de elucidação” (HENRY, 2003, pp. 141-142, grifo nosso).

Schopenhauer, nos lembra Michel Henry, fora o pensador que deixou de lado a *essência do ser como representatividade*, abrindo caminhos para sua *Fenomenologia Material*. No entanto, ainda que Schopenhauer tenha aberto *imenso domínio da Vida* (HENRY, 2006, p. 18), seu modo originário de revelação, constitutivo em si e por si mesmo com independência da representação, não fora objeto de tematização na filosofia schopenhaueriana.

A fim de levar a cabo sua pretensão, Michel Henry decidira radicalizar o método fenomenológico a fim de verificar se algo, todavia, subsistiria enquanto resquício fenomenológico. Para tal, o filósofo opõe radicalmente o *conceito ontológico em razão do qual este querer é, sobretudo, em primeiro lugar, algo mais que nada na imanência do sofrer primordial que faz dele um querer vivo de um conceito ôntico e pré-crítico da vida como querer* (HENRY, 2009, p. 198 -205). Eis, pois, os primórdios de uma Fenomenologia da Vida, cuja tese defendida consiste em dizer, por conseguinte, que essa realidade enquanto modo de revelação original e absoluta da fenomenalidade, ainda que apareça de modo imanente no horizonte finito de visibilidade, possui uma materialidade fenomenológica, a saber, esse puro querer cego e inconsciente.

Referências bibliográficas

ANGULO, J. *Fenomenología de la vida*. In: **Universitas Philosophica**, Bogotá, n. 37, 2001, pp. 113-126.

BRANDÃO, E. **A concepção de matéria na obra de Schopenhauer**. São Paulo: Humanitas, 2008.

CACCIOLA, M. L. M. O. **A Crítica da Razão no Pensamento de Schopenhauer**. 1981. 125 pp. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1981.

COMTE-SPONVILLE, A. **Dicionário Filosófico**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

DEBONA, V. **Schopenhauer**. São Paulo: Ideias & Letras, 2019.

DUFOUR-KOWALSKA, G. **Michel Henry un Philosophe de la vie et de la práxis**. Paris: Vrin, 1980.

FURTADO, J. L. *A filosofia de Michel Henry: uma crítica fenomenológica da fenomenologia*. In: **Dissertatio**, Pelotas, vols. 27-28, inverno/verão, 2008, pp. 231-249. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/isp/dissertatio/revistas/27-28/27-28-10.pdf>. Acesso em: 20/05/2020.

GARCÍA-BARÓ, M. *Alabanza de Michel Henry*. In: HENRY, M. **La esencia de la manifestación**. Traducción de Miguel García-Baró y Mercedes Huarte. Salamanca: Ediciones Sígueme, 2015, pp. 05-12. Disponível em: <http://www.sigueme.es/docs/libros/la-esencia-de-la-manifestacion.pdf>. Acesso em: 10/06/2020.

HENRY, M. **Encarnação: uma filosofia da carne**. Tradução de Florinda Martins. Portugal: Círculo de Leitores, 2000.

_____. **L'essence de la manifestation**. Paris: Épiméthée; PUF, 2003.

_____. *Phénoménologie non intentionnelle: Une tâche por une phénoménologie à venir*. In: **Phainomenon** (Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa), vol. 13, 2006, pp. 165-177. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/michel_henry_fenomenologia_nao_intencional.pdf. Acesso em: 08/06/2020.

_____. **O Começo cartesiano e a Ideia de Fenomenologia**. Tradução de Adelino Cardoso. Covilhã: LusoSofia: Press, 2008. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/henry_michel_comeco_cartesiano_ideia_fenomenologia.pdf. Acesso em 12/05/2020.

_____. **Genealogia da Psicanálise, o começo perdido**. Tradução de Rodrigo Marques. Curitiba: Editora da UFPR, 2009a.

_____. **Fenomenología Material**. Tradução de Javier Teixeira y Roberto Ranz. Madrid: Ediciones Encuentro, 2009b.

_____. *O que é isso que chamamos vida?* In: MARQUES, R. V.; MANZI FILHO, R. (Orgs.). **Paisagens da Fenomenologia Francesa**. Tradução de Rodrigo Vieira Marques. Curitiba: UFPR, 2011.

_____. **Filosofia e Fenomenologia do corpo: ensaio sobre a ontologia Biraniana**. São Paulo: É realizações, 2012.

HEIDEGGER, M. **Ser e tempo** (1927), Partes I e II. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback, Petrópolis: Vozes, 2002.

ISIDRO PEREIRA, S. J. **Dicionário grego-português e português-grego**. 5. ed. Lisboa: Livraria Apostolado da Imprensa, 1976.

KÜHN, R. **Ipseidade e práxis subjectiva** – Abordagens fenomenológicas e antropológicas segundo o pensamento de Michel Henry. Lisboa: Edições Colibri, 2010.

Lipsitz, M. *Sur Kant et le problème de la métaphysique dans L'essence de la Manifestation*. In: BROHM, J.-M.; LECLERCQ, J. (Dir.). **Michel Henry**. Lausanne: Editions L'Age d'Homme Editions, "Les Dossiers", 2009, pp. 281-290.

_____. *Author de la difference ontologique: l'étant et le monde en L'essence de la Manifestation*. In: JEAN, G.; LECLERCQ, J.; MONSEU, N. (Éd.). **La vie et les vivants, (Re-) lire Michel Henry**, Louvain la Nueve: Presses Universitaires de Louvain, 2013, pp. 147-156.

MARTINS, F. *Fenomenologia da vida: O que pode um sentimento?* In: ANTÚNEZ, A. E. A.; MARTINS, F.; FERREIRA, M. V. (Orgs.). **Fenomenologia da vida de Michel Henry: interlocuções entre filosofia e psicologia**. São Paulo: Escuta, 2014, pp. 15-31.

RODRÍGUEZ, J. S. B. **El lenguaje fenomenológico de La afectividad en Michel Henry: la reconstrucción de una gramática de la subjetividad "a flor de piel"**. Acta Fenomenológica Latinoamericana, v. 4, n. 02, 2012, pp. 115-147.

ROSA, J. M. da S. *Da essência trinitária da 'fenomenologia da vida'*. In: MARTINS, F., CARDOSO, A. (Org.). **A Felicidade na fenomenologia da vida: colóquio internacional de Michel Henry**. Portugal: Centro de Filosofia das Universidade de Lisboa, 2006, p. 177-193.

SEBASTIEN, Laoureux. **L'Immanence à la limite**. Recherches sur la phénoménologie de Michel Henry (Passages). Paris: Éditions du Cerf, 2005.

SCHOPENHAUER, A. **O Mundo como Vontade e como Representação**. Tradução de Jair Barboza. São Paulo: Ed. Unesp, 2005.

SOUTO, S. S. *Vida enquanto absoluto incondicionado: sobre a materialidade da essência da manifestação na fenomenologia de Michel Henry*. In: **Griot: Revista de Filosofia**, Amargosa/BA, v. 19, n. 3, pp. 105-114, 2019. Disponível: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/griot/article/view/1241>. Acesso em: 28/07/2020.

SOUZA, R. T.; FARIAS, A. B.; FABRI, M. (Orgs.). **Alteridade e ética: obra comemorativa dos 100 anos de nascimento de Emmanuel Levinas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

ZÖLLER, G. *Schopenhauer on the self*. In: JANAWAY, C. (Orgs.). **Cambridge Companion to Schopenhauer**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006, pp. 18 - 43.

WONDRACEK, K. H. K. **Da felicidade ao pathos: uma introdução à Fenomenologia da Vida de Michel Henry**. Porto Alegre, 2008. Disponível em: <http://sig.org.br/wp-content/uploads/2018/04/Da-felicidade-ao-pathos-publi.pdf>. Acesso em 18/07/2020.

_____. **Ser nascido na vida: a fenomenologia da vida de Michel Henry e sua contribuição para a clínica**. 2010. 260 pp. Tese (Doutorado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, São Leopoldo, 2010.